

Das Guianas pós-coloniais: aportes para o debate no tempo presente

*Daniel Chaves*¹

Resumo: Alguns dos problemas mais férteis para o estudioso do tempo podem ser rapidamente vislumbrados e elencados na História Contemporânea e Comparada do Platô das Guianas. Neste contexto geográfico, na temporalidade posterior as Grandes Guerras, se revisaram os projetos de colonização, descolonização e afirmação do que hoje são a República Cooperativa da Guiana, a Guiana Francesa e o Suriname, além de uma conversão do Amapá como unidade federativa brasileira tardia a este processo. Mais que buscar especificamente o esgotamento de uma questão intelectual particular, o objetivo deste texto será o de ensejar ponderações sobre a inevitável condição pós-colonial viventes nas entidades estatais do Platô.

Palavras-chave: Guianas. Pós-Colonial. Transnacional.

Abstract: Some of the most fertile research problems can be quickly adumbrated into a Contemporary History and Comparative Guyanas Plateau. In this geographical context, colonization projects, decolonization and the affirmation of what is today the Cooperative Republic of Guyana, French Guiana and Suriname were reviewed and a conversion unit Amapá and late Brazilian federal process is timing back the Great Wars. More than refer to an achievement of a specifically or a peremptory intellectual ruling, this work will allow home to considerations about the inevitable post-colonial condition on Guyanas state or government entities.

Keywords: Guyanas, Postcolonial, Transnational.

Artigo recebido em 08/12/2014 e aprovado em 28/12/2014.

Introdução

Para fins de uma contextualização destas trajetórias em âmbito global, consideramos essencial frisar a contemporânea descontinuidade da ordem mundial europeia, consequência do período posterior às Grandes Guerras mundiais (1914-1946), remetendo a década de '60, no que diz respeito às consequências interessantes a este ensaio. Nesta conjuntura, as condições se tornaram hostis para os Impérios europeus: por um lado desabrochava visível esgotamento político, derivado da ascensão fascista, e por outro se notava a própria impossibilidade de exercício da conservação do seu poderio econômico de outrora, resultado dos danos materiais da época das Guerras. Assim, encerrou-se um longo processo de desenvolvimento do sistema capitalista de

DANIEL CHAVES

produção, acumulação, circulação e exploração, processo este doravante tratado de forma geral pela historiografia contemporanista como o colapso de uma arquitetura internacional resultante da era dos imperialismos e dos impérios^{II}.

Podemos falar, assim, da liberação de mais da metade da população mundial sob posse jurídica, política, cultural e econômica das grandes potências europeias. Não menos importante, o deslocamento de pessoas vindas das colônias em renovados percursos migratórias, que espelharam as antigas veias coloniais exigiu peculiar ponderação crítica sobre as consequências e os impactos dos regimes coloniais, observando ainda as sequelas e decorrências então incógnitas dos processos e fenômenos emergentes na ordem, que doravante foi intitulada “pós-colonial”. Como resultado a partir desta percepção, surgira como campo uma nova corrente teórica derivada da Teoria Crítica: o Pós-Colonialismo^{III}.

Este vetor de influência - tanto processual quanto conceitual - sobre a ordem internacional fazia esta tender à multipolaridade, e teve seus princípios de sustentação no princípio do reconhecimento como ideia-força da emancipação das antigas colônias dos Impérios europeus, buscando tornarem-se povos e países em desenvolvimento. Contribuiu para tal cenário não apenas o enfraquecimento do domínio ocidental, mas nos momentos em que a bipolaridade surgia como disposição, o surgimento da União Soviética configurava uma alternativa diplomática real – ainda que amplamente contestada como modelo de Estado e governança – e se fazia pesar a própria transformação da ambiência moral e legal dos foros internacionais recém-constituídos^{IV}. Resultado das transformações na ordem entre os Estados desde o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1946), a divisão do sistema político global em mundos – primeiro, segundo e terceiro – marcou o embate entre as antigas metrópoles e colônias por um rearranjo nos marcos da sociedade internacional. Essa polaridade cada vez mais candente entre o 1º mundo e o 3º mundo era refletida na posição geográfica destes dois grandes conjuntos na medida em que o primeiro mundo, ligado à Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, estava localizado ao Norte no planisfério; e o terceiro mundo, em desenvolvimento e empobrecido, estava localizado ao sul^V. Nesse sentido, a dimensão do debate Norte-Sul era a dimensão presente das questões sobre o desenvolvimento das nações hoje tidas como emergentes. A questão Norte-Sul fora importante, especialmente no final da década de '70, para a promoção de uma nova ordenança geopolítica na agenda global, por sua vez gradativamente notável desde a Conferência de Bandung, em 1955. No ambiente de distensão casual da bipolaridade Oeste-Leste da Guerra Fria, de 1946 a 1991, a luta por justiça econômica e racial – bem como por autodeterminação política e independência cultural – orientava as ideias-força de redistribuição, compensação e reorganização do poder em suas mais diversas instâncias.

Diante do imperativo do reconhecimento, não apenas dinâmicas próprias devem ser situadas, mas a forma com a qual a comunidade internacional recebera tal impulso. As transformações ulteriores que acenderam esse debate foram somadas pela resolução 1514 da 15ª Assembleia Geral em 1960^{VI}, que rendia a Declaração sobre a Concessão de Independência aos Países e Povos Coloniais, reforçada em 1965 com o reconhecimento direito de uso da força para a libertação nacional; na fundação da Organização dos Países Exportadores de Petróleo - a OPEP - em 1960, com a disposição de negociar melhores preços junto aos países desenvolvidos, principais compradores; pela coordenação do G-77 na reunião de Genebra da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento – a UNCTAD -, em 1964, com o objetivo de discutir estratégias comuns para os pleitos dos países em desenvolvimento;

DANIEL CHAVES

em 1968, a Comissão de desenvolvimento internacional do Banco Mundial, presidida por Lester B. Pearson, a convite de Robert McNamara, apresentava no ano seguinte o relatório *Partners on Development*, que lançava a ideia de que os países ricos e os pobres têm um compromisso comum com essa nova ordenança^{VII} (). Em uma longa jornada de idas-e-vindas, a República Cooperativa da Guiana se tornava independente em 1966.

Nos anos '70, o embate se afirmou e ganhou força com a proposta sólida de uma Nova Ordem Econômica Internacional – a NOEI –, um largo conjunto de barganhas ao sistema de Bretton-Woods estabelecido pelo Norte. Esse conjunto situava-se em torno de algumas reivindicações específicas dos países em desenvolvimento, dentre os quais podemos citar: estabilidade de preços para commodities e matéria prima, transferência de recursos de países ricos para pobres, industrialização e tecnologia, corporações transnacionais, acesso a mercados, reforma no sistema monetário internacional e no arranjo de poder nos foros internacionais^{VIII}. Em 1974, a Assembleia Geral da ONU declarava o estabelecimento da nova ordem econômica mundial no seio das discussões sobre desenvolvimento e matéria-prima e estabelecia um programa e a Carta de Direitos e Obrigações econômicas dos Estados sobre essa nova ordem após longas e duras discussões^{IX}. Um ano depois, o Suriname se tornava independente da Holanda.

Um Novo Mundo em emergência

O nosso foco de interesse se dá especificamente na inserção do objeto em debate e das suas possibilidades epistêmicas para o debate. O que estava em questão, nas Guianas e no globo, era o surgimento de novas vias e oportunidades resultantes da descolonização; se tratava de um mundo pós-colonial emergindo no Extremo Norte sul-americano, em uma insueta região – as terras acima do Rio Amazonas^X – para as grandes cidades do continente, ora voltadas para o Atlântico, ora para o Pacífico, ora para o seu proeminente e provincial crescimento. Do ponto de vista histórico estruturante e de alargada compreensão, ressaltamos ainda a progressiva aceleração dos processos autônomos nas colônias e províncias do Platô das Guianas a partir das Revoluções Atlânticas, para periodizações a respeito do que se pode convencionar como marco de uma História Contemporânea das Guianas. A propagação das ideias e possibilidades libertárias da Revolução Francesa (1789), da Revolução Americana (1776) e da Revolução Haitiana (1792), e mais além as consagradas ‘ondas liberais’ das décadas de '20 e '30 do Século XIX, determina a possibilidade de interessantes paralelismos. As potencialidades de tais estudos podem ser expandidas consideravelmente, em especial analisando as perpendicularidades de uma história vista ‘de baixo’^{XI}, ou o *intermezzo* oceânico de uma História Atlântica^{XII}, como já vem sendo amplamente explorada na historiografia e debates adjacentes que contribuem ao tema.

Da mesma forma, é possível operar tais comparações globais com as transformações e convulsões nas Américas portuguesa e espanhola, coloniais e pós-coloniais. Tais comparações poderão, inclusive, encontrar ampla relação com discussões específicas da região amazônica sobre este contexto histórico, campo relativamente consolidado e subsidiário a tais discussões, se comparados ao desenvolvimento dos debates sobre as Guianas^{XIII}. Devem ser problematizados e contextualizados comparativamente, neste contexto, o arco de movimentos contestatórios da transição moderno-contemporânea, como o Levante de Berbice (1763-64)^{XIV}, ou a Rebelião dos Escravos de Demerara (1823)^{XV}, ou até mesmo a Cabanagem e outros conflitos, por exemplo. Nesta mesma direção, devem ser observadas possíveis relações com

DANIEL CHAVES

desdobramentos da instabilidade europeia posterior a Revolução Francesa e a Era Napoleônica (1804-1814), como na Invasão da Martinica (1809) e Guadalupe (1810), ou ainda a Batalha do Suriname (1804). É neste contexto que começam a se conformar e definir os limites entre as colônias - o que até hoje se demonstra insólito e frágil - ainda sob a determinação da expansão imperial europeia a partir da segunda metade do XIX, que consagraria a *boom* do modo de produção capitalista e as suas consequências estruturantes para a periferia do sistema internacional da época.

A condição periférica, até hoje, é interessante para uma plêiade de contribuições diversas sobre o papel do Estado e do mercado nas sociedades de fronteira, bem como suas tensões e conflitos decorrentes, sob diferentes prismas que variam desde as relações locais lindeiras^{XVI}, até os novos usos e articulações estratégicas das fronteiras^{XVII}, passando pela trajetória histórica dos contenciosos sobre a delimitação de tais restrinjas^{XVIII}, considerando a importante presença das Forças Armadas como ponta-de-lança de tais fronteiras, contenciosos e governanças^{XIX} até o protagonismo social das inevitáveis discussões locais de caráter étnico nas suas representações associativas, dispersas ou reunidas diante do Estado^{XX}. A perspectiva crítica quanto à naturalização da relação entre povo e Estado, inserindo novamente a condição pós-colonial em um debate político, evita o risco da determinação do conceito em abstração das construções históricas inerentes ao avanço, e mesmo pelos experimentos de retrocesso, das lutas políticas contemporâneas e suas contribuições progressivas diante do relacionamento com o Estado. Uma questão de fundo poderia apontar para o dilema da nação tal qual historicamente conhecemos como imediato e aparelhado sujeito político subserviente a um Estado instrumental para a dominação, ou se o caldeirão identitário original das sociedades é quintessência e manancial para a existência de uma relação.

Construir a nação, inevitavelmente, é um esforço que deve ser pertencente a História dos povos como sujeitos reconhecidos – e tal desafio é premente no caso das Guianas^{XXI}. Em um contexto permeado por migrações e deslocamentos frequentes, na sua relação contributiva com grandes ou micro-rotas em ‘bumerangue’, tais discussões sobre identidade e hibridações assumem um papel central diante das imanências estabelecidas e pretensas obsolescências forjadas^{XXII}. A averiguação conceitual do conceito de nação possivelmente deveria, assim, atentar para a refutabilidade como cautela e relativização sobre definições prévias construídas em contextos de exceção, como ditaduras ou períodos coloniais, por exemplo. As identidades étnicas configurariam focos essenciais para a articulação e fratura do contexto, pois forneceria um linguajar que potencializa a solidariedade dentro de tais grupos, mas desta mesma forma, a sintaxe deste linguajar está sujeita a experiência histórica. Com efeito, não apenas evitar-se-ia assim o risco de reduções e simplificações que, por um lado, podem tornar a discussão por demais essencialista ao assumir supostos naturais sobre tal, e por outro, ao criarem-se impossibilidades artificiais em discutir o tema por força de determinações que observam preferencialmente as identidades como instrumentais. Um jogo de tensões entre sobrevivência e representação é visível em tais escolhas (e disputas por escolhas) que são decisivas para a própria existência das Guianas pós-coloniais como territórios ou modelos de governança.

Há mais debates possíveis a serem desvelados do que o olho nu pode ver. No viés contemporanista que apontamos, não faltam questões a serem problematizadas para estudiosos interessados em novos objetos ou correlações temáticas clássicas com estudos inovadores e arrojados. Não seria ousadia afirmar que há uma imensidão de oportunidades para a discussão crítica e pós-colonial no que diz respeito ao Platô das

DANIEL CHAVES

Guianas, neste sentido, com corte contemporâneo. São passíveis de análise as relações sobre temas ou dilemas como relações de trabalho e conflito social, preservação/degradação ambiental, precariedade e bem-estar social, ditaduras e democracias, questão racial e etnicidade, identidade e fronteiras, regionalismos e nacionalismos, fazendo com que o interesse do cientista social contemporâneo emerja e se debruce sobre as complexidades do tempo como motor de compreensão desta região. As oportunidades ampliadas por novos estudos e teses arqueológicos, em fértil lócus, podem redimensionar teorias e chaves explicativas de semelhante alcance no que diz respeito a comparações abrangência mais ampla e transhistórica^{XXIII}.

Depois da nação

É oportuno, ainda, produzir diferentes análises com base no que a própria transversalidade que estes temas assumem, constituindo um campo de discussões particulares e que devem ser tratados com tal autonomia. A escolha pelo debruçar sobre estas Histórias contemporâneas de corte específico, como objeto e como tema, pode se dar e justificar pelo constante interesse acadêmico sobre tais temáticas na emergência contemporânea do interesse sobre estas agendas, em especial suas emanações políticas, cada vez mais exemplares para o mundo da política mundial e nacional.

Como habituado ponto de encontro de processos históricos permeados por paura e dramaticidade desde a segunda metade do Século XIX - período no qual, como ressaltamos, ocorre a inclusão das Guianas em um sistema capitalista bem constituído - as Guianas permanecem ora ocultadas, tal qual paradigma de invisibilidade política, cultural e econômica na América do Sul, e ora notável em crises de sistemas e estruturas da efetividade e da identidade nacional do Estado, tendo dificuldade em inserir-se nos processos de desenvolvimento regionais. Reconhecemos que o incentivo ao debate através de uma simplificação introdutória pode resultar em equivocadas generalizações, reforçando a essencialização de tais contextos como se fossem únicos e exclusivos. É preciso, assim, ter cuidado para não reforçar o ostracismo das Guianas^{XXIV} por meio de sínteses superficiais ou de generalizações. Não há, em absoluto, a possibilidade de ensaiar analogamente qualquer *sonderweg in vitro*^{XXV}, como espírito nacional ou historicidade essencialistas, senão uma experiência resultante da diversidade, dos impactos do todo e contributiva para este todo. A formação nacional e transnacional das Guianas é resultado de um complexo, inconcluso e descontinuado mosaico de migrações e feixes de circulação de todas as partes do mundo, em diversos momentos, com propósitos tão variados quanto incertos.

Notas

^I Professor de História Contemporânea na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Doutor em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Diretor da Editora da Universidade Federal do Amapá, Coordenador do grupo Círculo de Pesquisas do Tempo Presente (CPTP) e Pesquisador do Observatório das Fronteiras do Platô das Guianas (OBFron). E-mail: daniel.chaves@unifap.br

^{II} HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Impérios**. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 2003. MUNHOZ, Sidnei (Org.); TEIXEIRA DA SILVA, F. C. (Org.). **O Século Sombrio**. 01. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

- ^{III} ELIBIO JR., Antonio Manoel & ALMEIDA, Carolina. **Epistemologias do Sul: Pós-colonialismos e os estudos das Relações Internacionais**. Cadernos do Tempo Presente, n. 14, out./dez. 2013, p. 06.
- ^{IV} **The revolt against the West**. In: BULL, Hedley & WATSON, Adam (orgs.) *The Expansion of International Society*. EUA: Oxford University Press, 1985.
- ^V HANSEN, Roger D. **Beyond the North-South stalemate**. EUA: McGraw-Hill, 1979. P. 3-4.
- ^{VI} **Declaration on the granting of independence to colonial countries and peoples**. Disponível em: <<http://daccess-ods.un.org/TMP/879902.169108391.html>>. 1514 (XV). Acesso em 3 jun 2011.
- ^{VII} BULL, Hedley. **Justice in International Relations: The 1983 Hague Lectures**. In: ANDERSON, Kai & HURRELL, Andrew (orgs.) *Hedley Bull on international society*. EUA: St. Martin's Press, 2000. P. 211; PARTNERS in Development: Report of the Commission on International Development: Chairman, Lester B. Pearson. EUA: Praeger, 1969.
- ^{VIII} Ver HANSEN, Roger. (org.). **The “global negotiation” and beyond – toward North-South accomodation in the 1980s**. EUA: Lyndon B. Johnson School of Public Affairs, 1981. Ver HANSEN, Roger. (org.). *The “global negotiation” and beyond – toward North-South accomodation in the 1980s*. EUA: Lyndon B. Johnson School of Public Affairs, 1981.
- ^{IX} (S-VI) Declaration on the Establishment of a New International Economic Order; Programme of Action on the Establishment of a New International Economic Order (A/9556). Disponível em: <http://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/9559&Lang=E>. Acesso em 10 jun 2011.
- ^X QUEIROZ, Jonas Marçal & GOMES, Flávio. **Amazônia, Fronteira e Identidades: Reconfigurações coloniais e pós-coloniais (Guianas – séculos XVIII-XIX)**. São Paulo: Lusutopie n° 01, 2002, pp. 25-49.
- ^{XI} HOBSBAWM, Eric. **History from Below – Some Reflections**. In: KRANZ, Frederick. *History From Below: Studies in Popular Protest and Ideology*. Oxford, 1988, p. 13-27
- ^{XII} ARMITAGE, David. **Three concepts of Atlantic History**. In: ARMITAGE, David & BRADDICK, Michael J. *The British Atlantic World 1500-1800*. Nova Iorque: Palgrave, 2002. P. 27; O'REILLY, William. *Genealogies of Atlantic History*. Atlantic Studies: Global Currents. Vol. 1, N. 1, 2004.
- ^{XIII} RICCI, Magda. **Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835-1840**. Revista Tempo - Cidadania e pobreza. 2007, pp. 15-40.
- ^{XIV} CLEVE, Scott. **Berbice Slave Revolt (1763)**. In: RODRIGUEZ, Junius P. *Encyclopedia of Slave Resistance and Rebellion*, Vol. 1. EUA: Greenwood Press, 2007. P. 55-56.
- ^{XV} VIOTTI DA COSTA, Emilia. **Coroas de Glória, Lágrimas de Sangue. A Rebelião dos Escravos de Demerara em 1823**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- ^{XVI} ROMANI, Carlo. **Aqui começa o Brasil! História das gentes e dos poderes na fronteira do Oiapoque**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2013; BAINES, Stephen. **Povos indígenas na fronteira Brasil-Guiana e os megaprojetos de integração econômica**. Ciência e Cultura, volume 65, n1, 2013; VAN LIER, R. A. J. **Sociedade de Fronteira: uma análise social da história do Suriname**. Tradução: Mary Amazonas Leite de Barros. Brasília: Funag/IPRI, 2005.
- ^{XVII} VILHENA SILVA, Gutemberg de. **Usos Contemporâneos da fronteira franco-brasileira: entre os ditames globais e a articulação local**. Macapá: UNIFAP, 2013; SANTOS, Paula Gabriele Sena dos & PORTO, Jadson Luis Rebelo. **Novos usos da fronteira Amapá-Guiana Francesa: expectativas de construção e ensaios de cooperação**. Revista Geonorte, Edição Especial 3, V.7, N.1, p.1197-1213, 2013; SUPERTI, Eliane. **A Fronteira Setentrional da Amazônia Brasileira no Contexto das Políticas de Integração Sul-Americana**. PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP, v. 4, p. 1, 2011; LOBATO, Sidney da Silva. **Amapá: experiências fronteiriças**. Belém: Estudos Amazônicos (Coleção Estudos Amazônicos - História), 2012.

^{xviii} GRANGER, Stephane. **O contestado franco-brasileiro**. Cantareira, 17, Jul-Dez, 2013; SEMERENE COSTA, Kelerson. **Apontamentos sobre a formação histórica da Amazônia: uma abordagem continental**. Série Estudos e Ensaios / Ciências Sociais / FLACSO- Brasil, Junho 2009; TANAKA, Yoshifume. **The Guyana/Suriname Arbitration: A Commentary**. Hague Justice Journal, V. 2 , N. 3, 2007; DONOVAN, Thomas. **Suriname-Guyana maritime and territorial disputes: a legal and historical analysis**. Journal of Transnational Law & Policy, V. 13, N. 1, 2003.

^{xix} DOS SANTOS, Dorival da Costa. **Entre masmorras reais e imaginárias vicejou o terror: a violência do Estado durante a ditadura militar no Amapá**. In: AMARAL, Alexandre; et al. (Org.). Do lado de cá: fragmentos de história do Amapá. Belém: Açai, 2011; LEAL DA SILVA, Maura. **Integração, nacionalização e povoamento nas margens do território nacional**. In. AMARAL, Alexandre, et. al (Org.). Do lado de cá: fragmentos de História do Amapá. Belém: Açai, 2011.

^{xx} BASTOS, Cecília Maria Chaves de Brito. **Representações Sociais na História Recente dos Povos Indígenas do Oiapoque/Ap**. PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP, v. 2, p. 3, 2009.

^{xxi} BAINES, Stephen. **Políticas indigenistas e a fronteira Guiana-Brasil**. Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil, 2005. P.1; FOUCK, Serge (org.), **L'identité guyanaise en question**. Kourou: Ibis Rouge Éditions, 1997; BALDWIN, Elisabeth. **Olhares cruzados sobre a imigração brasileira para a guiana francesa: novas representações identitárias?** Synergies Brésil n° spécial 1 - 2010 pp. 209-222.

^{xxii} (PAZ, Adalberto Júnior Ferreira. **Fugitivos, desertores, forasteiros e suas repúblicas: política, trabalho e cidadania no extremo norte amazônico (1876-1895)**. In: XXVII Simpósio Nacional de História: conhecimento histórico e diálogo social, Natal, 2013; CAMBRAIA DA COSTA, Paulo Marcelo. **Aqui, os pretos que temos por escravos são pais, filhos e irmãos dos que vivem naquela Colônia: corpos de milícias de negros escravos e alforriados no Grão-Pará e na Guiana Francesa (1790-1810)**. In: XVI Encontro Regional de História. Rio de Janeiro: ANPUH-Rio, 2014.

^{xxiii} ARAUJO, Deborah. **Brasil profundo: pesquisadores do Amapá encontram poço funerário construído há quase mil anos por povos indígenas**. Revista de História da Biblioteca Nacional, 01/09/2014.

^{xxiv} SOUSA SANTOS, Boaventura. **From the postmodern to the postcolonial - and beyond both**. In: RODRIGUEZ, Encarnación, BOATCÁ, Manuela & COSTA, Sérgio (orgs). Decolonizing European Sociology - transdisciplinary approaches. Londres: Ashgate, 2010. P. 239.

^{xxv} KOCKA, Jürgen. **German History before Hitler: The Debate about the German Sonderweg**. Journal of Contemporary History, Vol. 23, No. 1. (Jan., 1988), pp. 3-16.

Referências Bibliográficas

ARAUJO, Deborah. **Brasil profundo: pesquisadores do Amapá encontram poço funerário construído há quase mil anos por povos indígenas**. Revista de História da Biblioteca Nacional, 01/09/2014.

ARMITAGE, David. **Three concepts of Atlantic History**. In: ARMITAGE, David & BRADDICK, Michael J. *The British Atlantic World 1500-1800*. Nova Iorque: Palgrave, 2002.

BAINES, Stephen. **Políticas indigenistas e a fronteira Guiana-Brasil**. Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil, 2005.

_____. **Povos indígenas na fronteira Brasil-Guiana e os megaprojetos de integração econômica**. *Ciência e Cultura*, volume 65, n1, 2013.

BALDWIN, Elisabeth. **Olhares cruzados sobre a imigração brasileira para a guiana francesa: novas representações identitárias?** *Synergies Brésil* n° spécial 1 - 2010 pp. 209-222.

BASTOS, Cecília Maria Chaves de Brito. **Representações Sociais na História Recente dos Povos Indígenas do Oiapoque/Ap**. *PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP*, v. 2, p. 3, 2009.

BULL, Hedley. **Justice in International Relations: The 1983 Hague Lectures**. In: ANDERSON, Kai & HURRELL, Andrew (orgs.) *Hedley Bull on international society*. EUA: St. Martin's Press, 2000.

_____. **The revolt against the West**. In: BULL, Hedley & WATSON, Adam (orgs.) *The Expansion of International Society*. EUA: Oxford University Press, 1985.

CAMBRAIA DA COSTA, Paulo Marcelo. **Aqui, os pretos que temos por escravos são pais, filhos e irmãos dos que vivem naquela Colônia: corpos de milícias de negros escravos e alforriados no Grão-Pará e na Guiana Francesa (1790-1810)**. In: **XVI Encontro Regional de História ANPUH-RJ. Saberes e práticas científicas**, 2014, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: ANPUH-Rio, 2014.

CAVLAK, Iuri. **A História do Norte da América do Sul: Brasil, Guianas e Suriname**. *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História da ANPUH*, 2013.

CLEVE, Scott. **Berbice Slave Revolt (1763)**. In: RODRIGUEZ, Junius P. *Encyclopedia of Slave Resistance and Rebellion*, Vol. 1. EUA: Greenwood Press, 2007.

DONOVAN, Thomas. **Suriname-Guyana maritime and territorial disputes: a legal and historical analysis**. *Journal of Transnational Law & Policy*, V. 13, N. 1, 2003.

DOS SANTOS, Dorival da Costa. **Entre masmorras reais e imaginárias vicejou o terror: a violência do Estado durante a ditadura militar no Amapá**. In: AMARAL, Alexandre; et al. (Org.). *Do lado de cá: fragmentos de história do Amapá*. Belém: Açai, 2011

ELIBIO JR., Antonio Manoel & ALMEIDA, Carolina. **Epistemologias do Sul: Pós-colonialismos e os estudos das Relações Internacionais**. *Cadernos do Tempo Presente*, n. 14, out./dez. 2013, p. 05-11.

FOUCK, Serge (org.), **L'identité guyanaise en question**. Kourou: Ibis Rouge Éditions, 1997.

GRANGER, Stephane. **O contestado franco-brasileiro**. *Cantareira*, 17, Jul-Dez, 2013.

HANSEN, Roger D. **Beyond the North-South stalemate**. EUA: McGraw-Hill, 1979.

_____. (org.). **The “global negotiation” and beyond – toward North-South accomodation in the 1980s**. EUA: Lyndon B. Johnson School of Public Affairs, 1981.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Impérios**. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 2003.

_____. **History from Below – Some Reflections**. In: KRANZ, Frederick. *History From Below: Studies in Popular Protest and Ideology*. Oxford, 1988, p. 13-27

KOCKA, Jürgen. **German History before Hitler: The Debate about the German Sonderweg**. *Journal of Contemporary History*, Vol. 23, No. 1. (Jan., 1988), pp. 3-16.

LEAL DA SILVA, Maura. **Integração, nacionalização e povoamento nas margens do território nacional**. In: AMARAL, Alexandre, et. al (Org.). *Do lado de cá: fragmentos de História do Amapá*. Belém: Açai, 2011.

LOBATO, Sidney da Silva. **Amapá: experiências fronteiriças**. Belém: Estudos Amazônicos (Coleção Estudos Amazônicos - História), 2012.

MUNHOZ, Sidnei (Org.); TEIXEIRA DA SILVA, F. C. (Org.). **O Século Sombrio**. 01. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

O'REILLY, William. **Genealogies of Atlantic History**. Atlantic Studies: Global Currents. Vol. 1, N. 1, 2004.

PAZ, Adalberto Júnior Ferreira. **Fugitivos, desertores, forasteiros e suas repúblicas: política, trabalho e cidadania no extremo norte amazônico (1876-1895)**. In: XXVII Simpósio Nacional de História: conhecimento histórico e diálogo social, 2013, Natal.

PRZEWORSKI, Adam, LIMONGI, Fernando & CHEIBUB, José Antônio. **Democracia e cultura: uma visão não culturalista**. Lua Nova, n. 58, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n58/a03n58.pdf>>. Acesso em 12 dez 2013.

PURDY, Robert Sean. **A História Comparada e o Desafio da Transnacionalidade**. Revista de história comparada (UFRJ), v. 6, p. 64-84, 2012.

QUEIROZ, Jonas Marçal & GOMES, Flávio. **Amazônia, Fronteira e Identidades: Reconfigurações coloniais e pós-coloniais (Guianas – séculos XVIII-XIX)**. São Paulo: Lusutopie nº 01, 2002, pp. 25-49.

RICCI, Magda. **Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835-1840**. Revista Tempo - Cidadania e pobreza. 2007, pp. 15-40.

ROMANI, Carlo. **Aqui começa o Brasil! História das gentes e dos poderes na fronteira do Oiapoque**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2013.

SANTOS, Paula Gabriele Sena dos & PORTO, Jadson Luis Rebelo. **Novos usos da fronteira Amapá-Guiana Francesa: expectativas de construção e ensaios de cooperação**. Revista Geonorte, Edição Especial 3, V.7, N.1, p.1197-1213, 2013.

SAUNIER, Pierre-Yves. **Going Transnacional: News from Down Under**. Fórum Online, H-Soz-u-Kult. Disponível em: <www.hsozkult.geschichte.hu-berlin.de/forum>. Acesso em 12 dez 2013.

SEMERENE COSTA, Kelerson. **Apontamentos sobre a formação histórica da Amazônia: uma abordagem continental**. Série Estudos e Ensaios / Ciências Sociais / FLACSO- Brasil, Junho 2009.

SOUSA SANTOS, Boaventura. **From the postmodern to the postcolonial - and beyond both**. In: RODRIGUEZ, Encarnación, BOATCÁ, Manuela & COSTA, Sérgio (orgs). *Decolonizing European Sociology - transdisciplinary approaches*. Londres: Ashgate, 2010.

SUPERTI, Eliane. **A Fronteira Setentrional da Amazônia Brasileira no Contexto das Políticas de Integração Sul-Americana**. PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP, v. 4, p. 1, 2011.

TANAKA, Yoshifume. **The Guyana/Suriname Arbitration: A Commentary**. Hague Justice Journal, V. 2 , N. 3, 2007.

TROULLIOT, Michel-Rolph. **The Caribbean Region: An Open Frontier in Anthropological Theory**. *Annual Review of Anthropology* 21: 19-42. 1992.

VAN LIER, R. A. J. **Sociedade de Fronteira: uma análise social da história do Suriname**. Tradução: Mary Amazonas Leite de Barros. Brasília: Funag/IPRI, 2005.

VILHENA SILVA, Gutemberg de. **Usos Contemporâneos da fronteira franco-brasileira: entre os ditames globais e a articulação local**. Macapá: UNIFAP, 2013.

VIOTTI DA COSTA, Emilia. **Coroas de Glória, Lágrimas de Sangue. A Rebelião dos Escravos de Demerara em 1823**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VISENTINI, Paulo. **Guiana e Suriname: uma outra América do Sul**. Disponível em: <www.ufrgs.br/nerint/folder/artigos/artigo2.pdf>. Acesso em 14 abr 2014.